

AS EPISTEMOLOGIAS DO SUL DE BOAVENTURA DE SOUSA SANTOS: POR UM RESGATE DO SUL GLOBAL

Fulvio de Moraes Gomes

RESUMO

Este texto tem por objetivo apresentar, em linhas gerais, o que vem a ser a proposta das *Epistemologias do Sul*, termo cunhado por Boa-ventura de Sousa Santos, e que busca ser alternativa ao paradigma epistemológico da ciência moderna que, pelo menos há duas décadas, dá mostras de que esteja em crise. Para tanto, serão mostradas as questões principais de *Um discurso sobre as ciências*, obra que trata da crise do paradigma epistemológico vigente e da crise da epistemologia. Serão apresentados os conceitos de *pensamento abissal*, *pensamento pós-abissal*, *ecologia de saberes*, *pragmatismo epistemológico*, que juntos permitem uma compreensão mais integral da proposta das Epistemologias do Sul.

Palavras-chave: Epistemologias do Sul; ciência moderna; pensamento abissal; pensamento pós-abissal; ecologia de saberes; pragmatismo epistemológico.

O campo da epistemologia parece seguir sendo dominado pela reflexão acerca da ciência. A univocidade do paradigma epistemológico, engendrado na modernidade pela Revolução Científica, iniciada nos idos do século XVI, encontra-se num momento de revisão, que demanda a busca de novas propostas que venham a ser alternativa ao paradigma científico

* Aluno do curso de Pós-Graduação em Filosofia Contemporânea e História da Universidade Metodista de São Paulo – UMESP. Contato: fulvio.mgomes@gmail.com

moderno, este que parece ter sua posição hegemônica profundamente questionada.

As Epistemologias do Sul se propõem à tarefa de responder aos seguintes questionamentos:

Por que razão, nos dois últimos séculos, dominou uma epistemologia que eliminou da reflexão epistemológica o contexto cultural e político da produção e reprodução do conhecimento? Quais foram as consequências de uma tal descontextualização? São hoje possíveis outras epistemologias?” (SANTOS; MENESES, 2010, p. 7).

A resposta a tais questionamentos significa o resgate de modelos epistemológicos outrora desconsiderados pela soberania epistêmica da ciência moderna. Isso pode levar a que sejam revaloradas identidades e culturas que foram, durante séculos, intencionalmente ignoradas pelo colonialismo. Este foi responsável por imprimir uma histórica tradição de dominação política e cultural, que submeteu à sua visão etnocêntrica o conhecimento do mundo, o sentido da vida e das práticas sociais.

No que segue, serão apresentadas as linhas gerais da obra *Um discurso sobre as ciências*, bem como aquilo que se vem a entender por *Epistemologias do Sul*, *pensamento abissal e pós-abissal*, *ecologia de saberes*, conceitos imprescindíveis para se compreender a proposta epistemológica de Boaventura de Sousa Santos.

É imperativo começar por uma breve apresentação do autor, a partir de sua vida e obras, pois que a partir de uma Epistemologia do Sul, se entende não ser possível desvincular o pensamento de suas relações sociais e políticas.

O AUTOR, SUA VIDA E OBRAS

Boaventura de Sousa Santos nasceu na cidade de Coimbra, Portugal, no dia 15 de novembro de 1940. Oriundo de uma família operária, apresentando aptidão para os estudos desde jovem, conseguiu se licenciar em Direito pela Universidade de Coimbra em 1963, tendo realizado no ano de 1964 um curso de pós-graduação na Universidade de Berlim como bolsista.

Obteve o título de mestre em 1970, pela *Yale University*, com a tese “As Estruturas Sociais do Desenvolvimento e o Direito”, e em 1973 concluiu o doutorado pela mesma instituição.

Atualmente, é professor catedrático da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, *Distinguished Legal Scholar* da Faculdade de Direito da Universidade de Wisconsin-Madison, e *Global Legal Scholar* da Universidade de Warwick.

De igual modo, é diretor do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, diretor do Centro de Documentação 25 de Abril da mesma universidade, e coordenador científico do Observatório Permanente da Justiça Portuguesa.

Sua produção bibliográfica é extensa,¹ e suas pesquisas se concentram em epistemologia, sociologia do direito, teoria pós-colonial, democracia, interculturalidade, globalização, movimentos sociais, direitos humanos. Os seus escritos já foram traduzidos para o espanhol, inglês, italiano, francês e alemão.

Ele possui profunda relação com o Brasil, pois no início da década de 1970 esteve morando por alguns meses na cidade do Rio de Janeiro, mais especificamente em uma favela, para as pesquisas do seu doutorado. Essa relação se deixa mostrar também pela quantidade de livros publicados no país.²

UM DISCURSO SOBRE AS CIÊNCIAS

A crise do paradigma epistemológico

No fim da década de 1980, o autor publica *Um discurso sobre as ciências*. A obra trata, em resumo, da caracterização da ordem científica hegemônica, da crise – como de suas condições teóricas e sociológicas – desse paradigma epistemológico dominante, bem como da emergência de um novo paradigma.

Para o autor, o modelo hegemônico da ciência moderna é oriundo do modelo de racionalidade que se constituiu a partir da revolução científica do século XVI, e que alcançou seu apogeu no século XIX. Trata-se de um modelo de conhecimento que se baseia na formulação de leis gerais, e cujo campo de atuação fica restrito ao âmbito das ciências naturais.

¹ Disponível em: http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/cv_BSS_actual.pdf. Acesso em: 25 out. 2012.

² Disponível em: <http://www.boaventuradesousasantos.pt/pages/pt/livros.php>. Acesso em: 25 out. 2012.

Paradoxalmente, é o avanço da ciência moderna que a levará a sua crise:

[...] a identificação dos limites, das insuficiências estruturais do paradigma científico moderno é o resultado do grande avanço no conhecimento que ele propiciou. O aprofundamento do conhecimento permitiu ver a fragilidade dos pilares em que se funda (SANTOS, 2010a, p. 41).

Emergência de um novo paradigma

A partir dos postulados de Einstein, especialmente o da *relatividade da simultaneidade*,³ de Heisenberg e seu *princípio da incerteza*,⁴ Gödel e o *teorema da incompletude*,⁵ e Prigogine e a *teoria das estruturas dissipativas* e o *princípio da ordem através das flutuações*,⁶ o autor demonstra que o fenômeno de mudança paradigmática está a ocorrer. É um fenômeno com marcada dimensão transdisciplinar, que parece aproximar as antes irreconciliáveis ciências da natureza e ciências humanas.

É, portanto, no desenrolar do século XX que o modelo de soberania epistemológica da ciência começa a ser questionado. Isso não significa, contudo, que a epistemologia se encontre num ambiente de profundo ceticismo ou irracionalismo. Antes, segundo Santos (2010a, p. 59) “a caracterização da crise do paradigma dominante traz consigo o perfil do paradigma emergente”.

³ A fim de determinar a simultaneidade dos acontecimentos distantes é necessário conhecer a velocidade [da luz]; mas para medir a velocidade é necessário conhecer a simultaneidade dos acontecimentos. De tal modo, a simultaneidade de acontecimentos distantes não pode ser verificada, podendo tão-somente ser definida. Deste modo é arbitrária (cf. SANTOS, 2010a, p. 42).

⁴ “Não conhecemos do real senão o que nele introduzimos, ou seja, que não conhecemos do real senão a nossa intervenção nele” (IBIDEM, p. 44).

⁵ Teorema que versa sobre a impossibilidade de, em certas circunstâncias, encontrar dentro de um dado sistema formal a prova da sua consistência (cf. IBIDEM, p. 45).

⁶ “Em sistemas abertos, ou seja, em sistemas que funcionam nas margens da estabilidade, a evolução explica-se por flutuações de energia que em determinados momentos, nunca inteiramente previsíveis, desencadeiam espontaneamente reações que, por via de mecanismos não lineares, pressionam o sistema para além de um limite máximo de instabilidade e o conduzem a um novo estado macroscópico. Esta transformação irreversível e termodinâmica é o resultado da interação de processos microscópicos segundo uma lógica de auto-organização numa situação de não-equilíbrio” (IBIDEM, p. 47).

Esse paradigma emergente, chamado de “um conhecimento prudente para uma vida decente” (SANTOS, 2010a, p. 50), pode ser descrito por quatro princípios: 1) todo o conhecimento científico-natural é científico-social; 2) todo o conhecimento é local e total; 3) todo o conhecimento é autoconhecimento; 4) todo o conhecimento científico visa constituir-se em senso comum.

Os quatro princípios do paradigma emergente

O primeiro princípio postula que toda a separação dicotômica entre ciências naturais e ciências sociais torna-se doravante inútil e desprovida de qualquer significado. Superado o mecanicismo, as ciências naturais vêm demonstrando, nas últimas décadas, uma tendência a se valer cada vez mais de conceitos tomados das ciências sociais, o que faz que se aproximem mais das humanidades.

O sujeito, que a ciência moderna lançara na diáspora do conhecimento irracional, regressa investido da tarefa de fazer erguer sobre si uma nova ordem científica (SANTOS, 2010a, p. 69).

O segundo princípio, por sua vez, volta-se contra o caráter de hiperespecialização da ciência moderna. O conhecimento de uma ciência pós-moderna, aquela do paradigma emergente, deverá ser temático. “Os temas são galerias por onde os conhecimentos progridem ao encontro uns dos outros” (SANTOS, 2010a, p. 76). Isso configura o conhecimento como local, pois os temas são adotados, em dados momentos, por grupos sociais concretos, constituindo-se como projetos de vida locais.

De igual modo, configura-se [o conhecimento] como total, pois essa ciência é analógica e tradutora, o que permite que teorias desenvolvidas localmente emigrem para outras realidades cognitivas e aí sejam traduzidas. “O conhecimento pós-moderno, sendo total, não é determinístico, sendo local, não é descritivista” (SANTOS, 2010a, p. 77).

O terceiro princípio anuncia a superação da clássica distinção sujeito/objeto. O sujeito, que havia sido expulso da ciência enquanto sujeito empírico (portador de valores e crenças) parece, desde a mecânica quântica, ter sido reconciliado e readmitido. E “parafraseando Clausewitz,⁷ podemos

⁷ A sentença original seria: “A política é a continuação da guerra por outros meios” (nota do autor).

afirmar hoje que o objeto é a continuação do sujeito por outros meios” (SANTOS, 2010a, p. 83). Por isso, pode-se afirmar que todo conhecimento científico é, também, autoconhecimento. Com essa ressubjetivação do conhecimento científico, torna-se possível que ele se traduza em um saber prático que ensine a viver.

Desse terceiro princípio, segue forçosamente o quarto princípio, que postula uma superação da ruptura epistemológica operada pela ciência moderna.⁸ Essa superação se daria por meio de uma ciência pós-moderna cônica de que nenhuma forma de conhecimento é *de per se* racional, e que tal racionalidade se alcança no diálogo e interpenetração de várias formas de conhecimento. Como próprio desse movimento, tem-se a reabilitação do senso comum e suas virtualidades.

A ciência pós-moderna, ao sensocomunizar-se (sic), não despreza o conhecimento que produz tecnologia, mas entende que, tal como o conhecimento se deve traduzir em autoconhecimento, o desenvolvimento tecnológico deve traduzir-se em sabedoria de vida. É esta que assinala os marcos da prudência à nossa aventura científica (SANTOS, 2010a, p. 91).

No que ficou dito, optou-se por abordar as linhas gerais da obra *Um discurso sobre as ciências* por se entender que, ainda na década de 1980, Boaventura de Sousa Santos tenha lançado os fundamentos daquilo que viria a ser tratado posteriormente por *Epistemologias do Sul*.

Na sequência, passa-se então à explicitação do que o autor propõe por *Epistemologias do Sul*, atendo-se aos principais conceitos que configuram essa nova proposta epistemológica.

EPISTEMOLOGIAS DO SUL

A proposta das *Epistemologias do Sul* parte da constatação de que, ademais de todas as dominações pelas quais é conhecido, o colonialismo “foi também uma dominação epistemológica, uma relação extremamente

⁸ “Na ciência moderna a ruptura epistemológica simboliza o salto qualitativo do conhecimento do senso comum para o conhecimento científico; na ciência pós-moderna o salto mais importante é o que é dado do conhecimento científico para o conhecimento do senso comum” (SANTOS, 2010a, p. 90).

desigual de saber-poder” (SANTOS; MENESES, 2010, p. 19). O *modus operandi* do colonialismo levou a que nações/povos colonizados tivessem muitas de suas formas peculiares de saber suprimidas.

Antes de avançar, faz-se imprescindível a elucidação do seguinte questionamento: o que se deve, então, entender por Epistemologias do Sul? A resposta a esse questionamento se encontra explicitado no que segue:

Trata-se do conjunto de intervenções epistemológicas que denunciam a supressão dos saberes levada a cabo, ao longo dos últimos séculos, pela norma epistemológica dominante, valorizam os saberes que resistiram com êxito e as reflexões que estes têm produzido e investigam as condições de um diálogo horizontal entre conhecimentos. A esse diálogo entre saberes chamamos ecologias de saberes (SANTOS; MENESES, 2010, p. 7).

Daí se tem que a proposta das Epistemologias do Sul surge de uma constatação: apesar de que o mundo seja múltiplo e variado no tocante às culturas, ao longo de toda a modernidade imperou soberana uma forma de produção de conhecimento pautada pelo modelo epistemológico da ciência moderna. Essa soberania epistêmica sufocou a emergência de formas de saber diversos do modelo vigente.

Essa soberania epistêmica engendrou aquilo a que o autor chama de *epistemicídio*. Este seria manifestado na supressão destruidora de alguns modelos de saberes locais, na desvalorização e hierarquização de tantos outros, o que levou ao desperdício – em nome dos desígnios colonialistas – da rica variedade de perspectivas presentes na diversidade cultural e nas multiformes cosmovisões por elas produzidas.

As Epistemologias do Sul são uma proposta que denuncia a lógica que sustentou a soberania epistêmica da ciência moderna, uma lógica que se desenvolveu com a exclusão e o silenciamento de povos e culturas que, ao longo da História, foram dominados pelo capitalismo e colonialismo.

O colonialismo, para além de todas as dominações por que é conhecido, foi também uma dominação epistemológica, uma relação extremamente desigual de saber-poder que conduziu à supressão de muitas formas de saber próprias dos povos e nações colonizados, relegando muitos outros saberes para um espaço de subalternidade (SANTOS; MENESES, 2010, p. 7).

O que se pretende com tais epistemologias é a superação do característico modelo de pensamento moderno ocidental, a saber, o pensamento abissal. Trata-se de uma forma de pensamento que, através de linhas imaginárias, divide o mundo e o polariza (Norte e Sul). O mundo divide-se então entre os que estão “do lado de cá da linha”, e aqueles que estão “do lado de lá da linha”. Para Santos (2010b, p. 32) “a divisão é tal que ‘o outro lado da linha’ desaparece enquanto realidade, torna-se inexistente, e é mesmo produzido como inexistente”.

As manifestações mais bem estabelecidas do pensamento abissal vêm a ser o Direito e o conhecimento modernos. No Direito se tem o estabelecimento de uma linha abissal que separa legal e ilegal, sendo estas as únicas formas de existência relevante perante a lei. No conhecimento se verifica também o estabelecimento de uma linha abissal entre verdadeiro e o falso, sendo, neste caso, a ciência moderna possuidora do monopólio da distinção universal entre eles.

Existe, portanto, uma cartografia moderna dual: a cartografia jurídica e a cartografia epistemológica. O outro lado da linha abissal é um universo que se estende para além da legalidade e ilegalidade, para além da verdade e da falsidade. Juntas, estas formas de negação radical produzem uma ausência radical, a ausência de humanidade, a sub-humanidade moderna (SANTOS, 2010b, p. 38).

O mais característico desse modo de pensamento é sua lógica de exclusão. Não há possibilidade de copresença dos dois lados da linha, dado que, para haver prevalência, um dos lados necessariamente esgota todo o campo da realidade relevante (SANTOS, 2010). Nesse sentido, são elucidativas as palavras de Santos (IDEM, p. 39): “A negação de uma parte da humanidade é sacrificial, na medida em que constitui a condição para a outra parte da humanidade se afirmar enquanto universal”.

Pode parecer, no entanto, que por se estar falando de colonialismo, esta realidade tenha sido superada pelos avanços econômicos e tecnológicos alcançados pela humanidade, com importante auxílio da ciência. Contudo, a denúncia que Santos (2010b, p. 39) faz por meio das Epistemologias do Sul “é que esta realidade é tão verdadeira hoje como era no período colonial”.

As linhas abissais, que perduraram por toda a modernidade, e ainda hoje, não estiveram sempre fixas, numa mesma posição. Deslocaram-se na passagem da História e, nos últimos sessenta anos, dois foram os abalos sofridos: o primeiro pelas lutas anticoloniais, e o segundo pela expansão “do lado de lá da linha” (Sul) e sua entrada no “lado de cá da linha” (Norte), subvertendo a lógica jurídica vigente (passa-se do paradigma da regulação/emancipação para o paradigma da apropriação/violência⁹).

O programa de superação do pensamento abissal e da instituição de uma ecologia de saberes pode ser condensado em cinco ideias principais.¹⁰ A primeira é a ideia de que a epistemologia dominante está assentada no contexto de uma dupla diferença, a saber, a diferença cultural (mundo moderno cristão ocidental) e a diferença política (colonialismo e capitalismo). A segunda ideia é a do *epistemicídio* (supressão dos conhecimentos locais) ocasionado pela profunda intervenção do binômio anteriormente referido.

A terceira ideia propõe que a ciência moderna não é incondicionalmente um mal ou um bem. De tal modo que seria possível perceber o caráter contextual – institucionalização que lhe deu a pretensão de validade universal – que possui a ciência moderna. A quarta ideia é a de que hoje – pelo conjunto de circunstâncias que se mostram – é possível perceber mais claramente as possibilidades e os obstáculos para o surgimento de epistemologias alternativas.

Por fim, a quinta ideia postula que a percepção e aceitação da diversidade epistemológica do mundo, por aumentar os critérios de validade do conhecimento, faz que se tornem “visíveis e credíveis espectros muito mais amplos de ações e de agentes sociais” (SANTOS; MENESES, 2010, p. 18). Isso significaria que os modos de intervenção no real seriam enriquecidos por um sem-número de tradições epistemológicas até agora ignoradas ou menosprezadas.

Do que ficou dito, qual seria então o caminho para o abandono do pensamento abissal e sua lógica excludente? A superação de toda essa lógica de exclusão pode se dar por meio da emergência de um pensamento pós-abissal:

⁹ Sobre os paradigmas da regulação/emancipação e da apropriação/violência cf. SANTOS, 2010b, p. 40-49.

¹⁰ Cf. SANTOS; MENESES, 2010, p. 16-18.

O pensamento pós-abissal parte da ideia de que a diversidade do mundo é inesgotável e que esta diversidade continua desprovida de uma epistemologia adequada. Por outras palavras, a diversidade epistemológica do mundo continua por construir (SANTOS, 2010b, p. 51).

E ainda:

O pensamento pós-abissal parte do reconhecimento de que a exclusão social no seu sentido mais amplo toma diferentes formas conforme é determinada por uma linha abissal ou não-abissal, e que, enquanto a exclusão abissalmente definida persistir, não será possível qualquer alternativa pós-capitalista progressista (SANTOS, 2010b, p. 52).

Para avançar em direção ao pensamento pós-abissal, faz-se necessário que se reconheça a persistência do pensamento abissal. Tal reconhecimento é imprescindível para que se possa pensar e agir para além do último. É então que se pode afirmar com Santos (2010b, p. 53) que “o pensamento pós-abissal pode ser sumariado como um aprender com o Sul usando uma Epistemologia do Sul”.

Condição para a emergência do pensamento pós-abissal é o que Santos (IDEM, p. 53) denomina de *copresença radical*. A copresença radical supõe o abandono da concepção linear da História, bem como a superação da guerra e da intolerância – formas da negação mais radical de toda possibilidade de convivência harmoniosa. A copresença radical leva a um novo modo de se compreender a dimensão histórica: seu significado fundamental é o de que contemporaneidade é simultaneidade, princípio que deve ser compreendido no horizonte de uma Epistemologia do Sul pela ideia de que “práticas e agentes de ambos os lados da linha são contemporâneos em termos igualitários” (IBIDEM, p. 53).

ECOLOGIA DE SABERES

Ao reconhecer a diversidade epistemológica do mundo, o pensamento pós-abissal deve tomar a forma de *uma ecologia de saberes*. Isso significa uma renúncia total a qualquer epistemologia geral.¹¹ Nesse aspecto, re-

¹¹ Santos (2010b) propõe uma epistemologia geral negativa, ou seja, uma epistemologia geral que reconheça a impossibilidade de qualquer epistemologia geral.

side sua principal diferença quanto ao modelo epistêmico soberano: “o reconhecimento de uma pluralidade de formas de conhecimento além do conhecimento científico” (IBIDEM, p. 54).

Um dos maiores desafios a ser enfrentado pela ecologia de saberes – o que a levaria a ter um marcado caráter de contraepistemologia – é a crença moderna na ciência. Esta é, ainda hoje, tomada por única forma de conhecimento válido e rigoroso, revelando-se uma das mais poderosas premissas do pensamento abissal. Essa crença é poderosa a ponto de erigir a ciência como forma dual de experiência social (seja como crença ou como ideia¹²), levando sua influência muito além do que as ideias científicas *per si* permitiriam suportar.

Em face da soberania epistêmica da ciência moderna, a ecologia de saberes se propõe a ser uma via alternativa que privilegia o pensamento pluralista e propositivo. Enquanto plural, a ecologia de saberes permite que os conhecimentos se cruzem.

Esse movimento de intercruzamento de saberes acaba por também evidenciar, paradoxalmente, a pluralidade de ignorâncias. E, nesse sentido, a ignorância não precisa mais ser entendida como sendo “necessariamente um estado original ou ponto de partida. Pode ser um ponto de chegada. Pode ser o resultado do esquecimento ou desaprendizagem implícitos num processo de aprendizagem recíproca” (SANTOS, 2010b, p. 56).

O que se propõe, então, a partir da diversidade do mundo, trata-se de um pluralismo epistemológico que reconheça a existência de múltiplas visões que contribuam para o alargamento dos horizontes da experiência humana no mundo, de experiências e práticas sociais alternativas.

¹² “Ortega y Gasset (1942) propôs uma distinção radical entre crenças e ideias, entendendo por estas últimas a ciência ou a filosofia. A distinção reside em que as crenças são parte integrante da nossa identidade e subjetividade, enquanto as ideias são algo que nos é exterior. Enquanto as nossas ideias nascem da dúvida e permanecem nela, as nossas crenças nascem da ausência dela. No fundo, a distinção é entre ser e ter: somos as nossas crenças, temos ideias. O que é característico do nosso tempo é o fato de a ciência moderna pertencer simultaneamente ao campo das ideias e ao campo das crenças. A crença na ciência excede em muito o que as ideias científicas nos permitem realizar. Assim, a relativa perda de confiança epistemológica na ciência; que percorreu toda a segunda metade do século XX, ocorreu de par com a crescente crença popular na ciência. A relação entre crenças e ideias deixa de ser uma relação entre duas formas de experienciar socialmente a ciência. Esta dualidade faz com que o reconhecimento da diversidade cultural do mundo não signifique necessariamente o reconhecimento da diversidade epistemológica do mundo” (SANTOS, 2010b, p. 56).

A ecologia de saberes altera mesmo a lógica da aprendizagem. É imprescindível que o sujeito cognoscente esteja sempre atento a efetuar a comparação entre o conhecimento que está sendo aprendido e aquele que, no mesmo processo, pode estar sendo desaprendido e esquecido. Afinal, conforme Santos (2010b, p. 56) “a ignorância só é uma forma desqualificada de ser e de fazer quando o que se aprende vale mais do que o que se esquece”.

Desse modo, ao utilizar nova compreensão acerca da validade da ignorância, a ecologia de saberes atuaria por meio de uma tecnologia da prudência que, por sua vez, estaria prenhe de uma utopia do interconhecimento, sendo o último compreendido como o aprendizado de conhecimentos [de] outros sem o esquecimento dos próprios (SANTOS, 2010b).

Uma ecologia de saberes não se orienta no sentido de prescindir da ciência moderna, ainda que reconheça nela – e seu monopólio da verdade – uma das principais ferramentas do pensamento abissal. Em vez disso, busca o reconhecimento dos limites (internos e externos) da ciência, de modo a favorecer a busca de credibilidade para os conhecimentos tidos comumente por não científicos.

A soberania institucionalizada e o monopólio epistêmico da ciência não podem ocultar e impedir o reconhecimento de que há outras formas de conhecimento e outros modos de intervenção no real. “Para uma ecologia de saberes, o conhecimento como intervenção no real – não o conhecimento como representação do real – é a medida do realismo” (SANTOS, 2010b, p. 57).

“A ecologia de saberes não concebe os conhecimentos em abstrato, mas antes como práticas de conhecimento que possibilitam ou impedem certas intervenções no mundo real” (IBIDEM, p. 59).

É nesse sentido que o autor compreende sua proposta de uma ecologia de saberes: os conhecimentos devem ser reavaliados a partir das interações e intervenções concretas que permitem ser feitas na sociedade e na natureza. Guardaria, portanto, um aspecto marcadamente pragmático, ainda que epistemológico.

A partir desse aspecto pragmático, os conhecimentos seriam hierarquizados, mas não como se faz comumente (soberania epistêmica), senão

que “deve dar-se preferência às formas de conhecimento que garantam a maior participação dos grupos sociais envolvidos na concepção, na execução, no controle e na fruição da intervenção” (IBIDEM, p. 60).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que ficou dito, percebe-se claramente que as Epistemologias do Sul surgem como proposta de combate e superação do pensamento abissal e sua soberania epistêmica (ciência moderna), de declarada lógica dicotômica e excludente. Essa superação seria possível no horizonte de uma ecologia de saberes, que parte do reconhecimento da diversidade epistemológica do mundo, promovendo o diálogo entre os diversos saberes. “A ecologia de saberes é uma epistemologia destabilizadora (sic) no sentido em que se empenha numa crítica radical da política do possível, sem ceder a uma política impossível” (SANTOS, 2010b, p. 64).

Entende-se, portanto, que as Epistemologias do Sul pretendem ser uma via alternativa a um modelo epistemológico que esteve sempre a serviço dos interesses colonialistas e capitalistas. Seu desafio é, portanto, hercúleo, dado que

[...] o capitalismo global, mais que um modo de produção, é hoje um regime cultural e civilizacional, portanto, estende cada vez mais os seus tentáculos a domínios que dificilmente se concebem como capitalistas, da família à religião, da gestão do tempo à capacidade de concentração, da concepção de tempo livre às relações com os que nos estão mais próximos, da avaliação do mérito científico à avaliação moral dos comportamentos que nos afetam. Lutar contra uma dominação cada vez mais polifacetada significa perversamente lutar contra a indefinição entre quem domina e quem é dominado, e, muitas vezes, lutar contra nós próprios (SANTOS; MENESES, 2010, p. 18).

Mais que alternativa epistemológica, pretende-se configurar como uma via alternativa de ações sociais que sejam efetivadas no sentido de uma copresença radical, ou seja, na abolição de toda linha abissal e na aceitação de que o contemporâneo é simultâneo e vice-versa.

A aceitação de uma ecologia de saberes, que renuncie a toda “ambição legislativa da epistemologia e a possibilidade de qualquer forma de

soberania epistêmica” (NUNES, 2010, p. 263), desembocaria na proposta de um pragmatismo epistemológico. Este seria capaz de um duplo resgate da epistemologia: deixaria de estar confinada ao âmbito das reflexões sobre os saberes científicos, passando a abranger explicitamente todos os saberes.

O pragmatismo epistemológico, em seu duplo resgate da epistemologia, recordaria a indissociabilidade entre produção do conhecimento e ação transformadora do mundo.¹³ De tal modo, se configuraria como uma práxis. O conhecimento tem como um dos seus principais critérios de validade não mais os paradigmas da ciência moderna, mas sua capacidade de efetividade em dada realidade local. Desse modo, fica ainda mais explícita a dimensão sociopolítica de tal proposta. Também por isso ela pode ser entendida como a proposta de um conhecimento prudente.

É próprio da natureza da ecologia de saberes constituir-se através de perguntas constantes e respostas incompletas. Aí reside a sua característica de conhecimento prudente. A ecologia de saberes capacita-nos para uma visão mais abrangente daquilo que conhecemos, bem como do que desconhecemos, e também nos previne para que aquilo que não sabemos é ignorância nossa, não ignorância em geral (SANTOS, 2010b, p. 66).

Essa proposta de uma ecologia de saberes, entendida na linha de um conhecimento prudente, parece de grande validade para os dias correntes. Em um momento em que a ciência parece ter sido *ex intra* abalada em sua posição soberana, uma proposta de conhecimento plural e, portanto, capaz de dialogar com a diversidade parece de grande valia. Especialmente por se tratar-se de um modelo epistemológico que contribua para a descolonização do pensamento.

Um dos maiores desafios será, então, o de pensar o Sul para além de um produto do império. “Assim, só se aprende com o Sul na medida em que se concebe este como resistência à dominação do Norte e se busca nele o que não foi totalmente desfigurado” (SANTOS, 2004, p. 18). A aprendizagem com o Sul somente logrará êxito na medida em que se contribuir para que ele deixe de ser mero produto imperial do Norte.

¹³ Cf. NUNES, 2010, p. 263.

Evidente que a proposta das Epistemologias do Sul continua sendo pensada. Diversos são os autores que, seja no Sul ou no Norte, seguem pesquisando e contribuindo para descolonizar o campo do pensamento, bem como os campos sociais e políticos. Diversas são as pesquisas promovidas sob a orientação de Boaventura de Sousa Santos, bem como aquelas que contam com seu apoio ou com ele dialogam.

O próprio autor aponta algumas pistas para que se siga com a tarefa de aprender com o Sul, descolonizando o pensamento. Não se poderia encerrar o presente trabalho sem uma menção a tais questionamentos:

Santos formula três grandes conjuntos de interrogações:

- a) Qual a perspectiva a partir da qual poderemos identificar diferentes conhecimentos? Como podemos distinguir o conhecimento científico do conhecimento não-científico? Como distinguir entre os vários conhecimentos não-científicos? Como se distingue o conhecimento não-ocidental do conhecimento ocidental? Se existem vários conhecimentos ocidentais e vários conhecimentos não-ocidentais, como distingui-los entre si? Qual a configuração dos conhecimentos híbridos que agregam componentes ocidentais e não-ocidentais?
- b) Que tipos de relacionamentos são possíveis entre os diferentes conhecimentos? Como distinguir incomensurabilidade, contradição, incompatibilidade, e complementaridade? Onde provém a vontade de traduzir? Quem são os tradutores? Como escolher os parceiros e tópicos de tradução? Como formar decisões partilhadas e distingui-las das impostas? Como assegurar que a tradução intercultural não se transforma numa versão renovada do pensamento abissal, numa versão “suavizada” de imperialismo e colonialismo?
- c) Como podemos traduzir esta perspectiva em práticas de conhecimento? Na busca de alternativas ao sistema de opressão e dominação e alternativas dentro do sistema ou, mais especificamente, como distinguir alternativas ao capitalismo de alternativas dentro do capitalismo? (SANTOS, 2007b apud NUNES, 2010, p. 279).

A partir de tais questões, será possível seguir pensando o Sul a começar dele mesmo. Fica evidente, portanto, que há muito campo para que novos trabalhos surjam. Obviamente, tais questionamentos não encerram a multiplicidade de desdobramentos que podem advir dos conceitos acima apresentados. Contudo, é urgente que esses questionamentos sejam feitos a fim de que o conhecimento esteja a serviço da promoção da fraternidade humana, e não mais da exploração excludente.

REFERÊNCIAS

NUNES, J. A. O resgate da Epistemologia. In SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (Org.). **Epistemologias do Sul**. Porto São Paulo: Cortez, 2010, p. 261-290.

SANTOS, B. S. **Do pós-moderno ao pós-colonial**: e para além de um e de outro. Conferência de abertura do VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, Coimbra, 16 set. 2004. 45 p. Disponível em: <www.ces.uc.pt/misc/Do_pos-moderno_ao_pos-colonial.pdf>. Acesso em: 25 out. 2012.

SANTOS, B. S. **Um discurso sobre as ciências**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2010a. 92 p.

SANTOS, B. S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. In SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010b, p. 31-83.

SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (Org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010. 637 p.